



**Este artigo** está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

**Você tem direito de:**

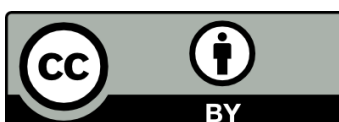
Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

**De acordo com os termos seguintes:**

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, prover um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

**Sem restrições adicionais** — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



**This article** is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International.

**You are free to:**

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

**Under the following terms:**

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

**No additional restrictions** — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

# MERIDIANO 47



INSTITUTO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 1518-1219

*Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais*

Nº 48  
Julho – 2004

## S U M Á R I O

- 2 **Taiwan: Um Futuro Formoso para a Ilha? A dimensão política**  
Paulo Antônio Pereira Pinto
- 5 **Bush, o Iraque, Kerry e os Democratas**  
Cristina Soreanu Pecequilo
- 9 **A liderança política mundial compartilhada: Alemanha e Estados Unidos e as macroeconomias divergentes**  
José Ribeiro Machado Neto
- 12 **Eleições americanas e o semblante político de Reagan**  
Virgílio Arraes
- 14 **Uma agenda sobre o quê não fazer: os equívocos da “sociedade civil”**  
Paulo Roberto de Almeida
- 19 **A crise no Sudão**  
Pio Penna Filho
- 21 **El Mercosur y los diez años de Ouro Preto: hacia una nueva estructura institucional del bloque?**  
Lincoln Bizzozero
- 24 **O Mercosul na geladeira**  
Janina Onuki

## Eleições americanas e o semblante político de Reagan

Virgílio Arraes\*

Os Estados Unidos (EUA), desde o fim da Guerra Fria, deparam-se com seu momento mais crítico com relação à condução da nova ordem mundial: patinham militarmente no Afeganistão e, principalmente, no Iraque, lamuriam-se com os países líderes – França e Alemanha – da União Européia por diferença de objetivos quanto ao papel das Nações Unidas (ONU), agastam-se com a ascensão comercial da China, observam, de forma retesada, a maior alta recente dos preços do petróleo e assistem atônitos ao malogro de seus dois grandes projetos para o mundo: o neoliberalismo formalmente democrático e a Doutrina Bush, que se firma no direito do uso preventivo da força, à margem de autorização da comunidade internacional, contra países do 3º Mundo, em especial os deslocados de suas diretrizes ideológicas.

Assim, ante a fragilidade dos resultados do seu ideário de remodelamento global, os Estados Unidos vivenciam considerável desgaste, que lhe acarreta um estado de tensão permanente, seja pelo recrudescimento de posturas politicamente antiamericanas, mais presentemente estabelecidas no Oriente Médio e América do Sul, seja pelas breves intermitências das violentas intimidações do integrismo islâmico, manifestas também contra seus aliados mais próximos.

Em face da presente consumição, os republicanos intentam valorizar seu ideário conservador, ao enfatizar as homenagens ao seu mais destacado artífice da segunda metade da Guerra Fria: Ronald Reagan, quadragésimo presidente do país, falecido aos 93 anos em junho último. Ele comporia a trinca política – ao lado da Primeira Ministra britânica, Margaret Thatcher, e do Papa João Paulo II – que, a partir do início dos anos 80, não pouparia esforços para o fim dos regimes socialistas no leste europeu.

Dez anos antes, *mutatis mutandis*, o Partido Republicano prestou homenagem a outro de seus notáveis membros, Richard Nixon, que recuperava lentamente sua reputação política – anos após sua renúncia em agosto de 74 em virtude de acusações, dentre outras, referentes à obstrução de investigações judiciais e abuso de poder – por meio da participação em análises de política internacional, especialmente as relacionadas com a Guerra Fria e China, país que visitara em 1972 e com o qual assinara tratados de comércio.

Entretanto, o preito não ultrapassaria muito o âmbito partidário, visto que o país ainda manifestava bastante autoconfiança no cenário internacional e era governado pelo democrata, ainda que conservador, Bill Clinton. De certa forma, Nixon geraria muitos dos fundamentos da política externa contemporânea dos republicanos, que seriam adaptados e executados poucos anos depois por Reagan, que os ampliaria, ao estabelecer a diretriz de apoio a movimentos políticos conservadores no 3º Mundo como modo de enfraquecimento de possíveis aliados da União Soviética (URSS).

O falecimento de Reagan ocorreu em um momento em que os Estados Unidos passam por dificuldades extremas em sua política externa, como já acima mencionado, além de, internamente, haver desgaste considerável do Presidente Bush em relação a sua capacidade de administrar e defender eficazmente o país contra novos inimigos – encarnados não mais pelos tradicionais Estados-nações, mas por grupos terroristas irmanados pelo fundamentalismo.

Deste modo, o legado político de Reagan vem sendo extremamente valorizado, ao enfatizar-se suas políticas econômicas – *reaganomics* – que

\* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (IREL-UnB).

advogavam a visão de que, com a redução de alíquotas de imposto e de gastos governamentais, o país cresceria automaticamente, em decorrência do estímulo ao consumo individual e a novos investimentos, que, por seu turno, manteriam no mesmo nível a arrecadação governamental ou até mesmo a aumentaria.

Sem dúvida, o grande trunfo de sua gestão foi a política externa, ao encerrar vitoriosamente o terceiro grande conflito do século XX: a Guerra Fria, com a exaustão material e ideológica da União Soviética, por meio da ampliação dos gastos armamentistas e do financiamento de movimentos sectários de direita no 3º Mundo, bem como o estímulo à tecnologia microeletrônica – base da 3ª Revolução Industrial. O fim da alternativa soviética ensejaria a conclusão de dois séculos de revoluções e insurreições populares contrapostas, a princípio, a regimes conservadores, reacionários, metropolitanos etc.

Com a sobrelevação de seu ideário, os meios de comunicação tradicionais relevaram aspectos não laudatórios de sua administração como: a redução orçamentária de vários programas sociais – alguns dos quais criados ainda por Roosevelt antes da II Guerra Mundial; o expressivo crescimento do déficit público e elevação da taxa de juros, que triplicariam o valor da dívida do país; a diminuição do percentual da tributação, que beneficiaria grandes empresas e extratos da sociedade a partir da classe média alta; o aumento da distância entre os mais e os menos

aquinhoados; a geração de novos empregos com remuneração média menor; a militarização da economia por meio da intensificação da corrida armamentista.

Além disto, mencione-se o caso Irã-Contras, em que houve a venda secreta de armas para o Irã – considerado pelos Estados Unidos um país terrorista após ter-se transformado em uma teocracia – com vistas à liberação de norte-americanos aprisionados por grupo extremista no Líbano simpático ao regime xiita. Ao mesmo tempo, parte dos lucros foi destinada a financiar a oposição armada ao governo revolucionário – sandinistas – da Nicarágua.

Com o mandato de Reagan, a gestão de Bush tem alguns pontos em comum, como, entre outros, o conservadorismo moral, o menosprezo pela disciplina orçamentária, a militarização do país – por onde o país pratica um keynesianismo supostamente encoberto –, o desdém por políticas ambientais, o menoscabo pelos organismos internacionais.

Todavia, diferentemente de Bush, a sociedade americana ‘redimiria’ a administração de Reagan, em decorrência da reafirmação do poder militar, econômico e ideológico do país, perdido parcialmente por causa da inabilidade na condução da Guerra do Vietnã e da crise econômica proporcionada pelos dois choques do petróleo. Portanto, resta saber se o eleitorado americano acredita que o candidato republicano possa reverter a atual situação de desprestígio gerada pela sua própria administração.



## ***Como publicar Artigos em Meridiano 47***

O Boletim *Meridiano 47* resulta das contribuições de professores, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e profissionais ligados à área, cuja produção intelectual se destine a refletir acerca de temas relevantes para a inserção internacional do Brasil. Os arquivos com artigos para o Boletim *Meridiano 47* devem conter até 90 linhas (ou 3 laudas) digitadas em Word 2000 (ou compatível), espaço 1,5, tipo 12, com extensão em torno de 5.500 caracteres. O artigo deve ser assinado, contendo o nome completo do autor, sua titulação e filiação institucional. Os arquivos devem ser enviados para [editoria@relnet.com.br](mailto:editoria@relnet.com.br), indicando na linha *Assunto* “Contribuição para Meridiano 47”.